

MEDIAÇÃO CULTURAL NO MEMORIAL PARANISTA

MUSEUM MEDIATION AT MEMORIAL PARANISTA

Felipe Augusto Tkac¹

RESUMO

Neste artigo se pretende explorar o conceito e a prática da mediação cultural, especificamente no Memorial Paranista, um equipamento cultural da Prefeitura Municipal de Curitiba. Para tanto, se volta à legislação nacional e às publicações especializadas do Instituto Brasileiro de Museus para situar os conceitos e localizar os referenciais para a política cultural pública. Em seguida, se discorre sobre as especificidades da mediação cultural no Memorial e as formas de dar sentido a um espaço múltiplo e dinâmico, mas que também contempla um acervo fixo da obra escultórica do artista paranaense João Turin. Junto a isso, se analisam alguns dados preliminares acerca do engajamento do público no espaço cultural.

Palavras-chave: Política cultural; mediação cultural; educação museal.

ABSTRACT

On this article we explore the concept and the practice of museum mediation at Paranista Memorial (Memorial Paranista) a Curitiba City Hall's cultural equipment. Therefore, we look back to the national legislation and the specialized publication of the Brazilian Institute of Museums (Instituto Brasileiro de Museus) in order to situate the concept and to locate the cultural public policy's references. Following, we discuss about the specifications of museum mediation at the Memorial and its ways of giving sense to a multiple and dynamic space that also has a permanent collection of the Paraná-born artist João Turin's sculptor work. In addition to that, we analyze some preliminary data in regard to the visitor's engagement at the cultural space.

Keywords: Cultural policy; museum mediation; museum education.

¹ Historiador e Coordenador do Setor Educativa do Memorial Paranista.

1 INTRODUÇÃO

Em 2010, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) começou, por meio de uma discussão ampla e nacional, a constituição dos princípios de um Programa Nacional de Educação Museal, que, posteriormente, se tornou a Política Nacional de Educação Museal. Esforço que, em 2017, culminou com a Portaria nº 422 de 30 de novembro de 2017, e, posteriormente, com a publicação do *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, documento basilar que registra quase uma década de amadurecimento de políticas e práticas de educação museal no Brasil, e, desde 2003, as discussões iniciadas pela Política Nacional de Museus (PNM)².

Desta forma, este texto objetiva explorar a ideia central de *mediação* como o primeiro e fundamental aspecto do trabalho educativo no Memorial Paranista, ao mesmo tempo que observamos alguns dados preliminares sobre a prática já realizada. Isso por duas razões, a primeira prática e inescapável: o Memorial foi recém-inaugurado e as práticas educativas estão em franco processo de construção e consolidação, as experiências das práticas ao longo do tempo darão os caminhos de consolidação do setor. A segunda, é conceitual e inescapável: a mediação, como afirmado acima, é um instrumento de *comunicação*, no sentido mais amplo possível do termo, portanto, qualquer ação educativa com a comunidade que frequentar o Memorial deve levar em conta o conceito de mediação.

2 DESENVOLVIMENTO

Retomemos a Política Nacional de Educação Museal e seu contexto. Essas discussões pretenderam estabelecer “[...] um conjunto de princípios e diretrizes que têm como objetivo orientar e subsidiar a ação educativa nos museus brasileiros.” (CASTRO, 2019, p. 92). Baseado na PMN, o documento final, o *Caderno*, se constituiu, e nele, se defende que os museus “[...] são instâncias fundamentais para o aprimoramento da democracia, da inclusão social, da construção da identidade e do conhecimento, e da percepção crítica da realidade.” (IBRAM, 2018, p. 13). A PNEM, portanto, destaca-se, de acordo com Castro (2019), das práticas de educação em museus anteriores precisamente porque coloca ao centro das ações educativas museais o indivíduo, sua formação e atuação crítica no meio social.

Castro (2019, p. 106) lembra que, no Brasil, as publicações com sistematizações de planos educativos ainda são escassas, mas propostas têm surgido em diversas instituições culturais do país, em especial depois da publicação do *Caderno*. Mas a educação em museus também está considerada na publicação do IBRAM, *Subsídios para elaboração de planos museológicos*, de 2016. No caso de Curitiba, a educação museal está presente em diferentes instituições, tanto públicas como o Museu Paranaense e o Museu Oscar Niemeyer, por exemplo, e em privadas como o Museu do Holocausto e o Museu da Vida. Inclusive, na própria Fundação Cultural de Curitiba com o Núcleo de Ação Educativa, que se estende mais à educação patrimonial no âmbito urbano, mas também trabalha com educação museal. E, mais recentemente, houve uma movimentação conjunta de diversas instituições museais da cidade, que resultou em duas edições do Encontro dos Setores Educativos de Curitiba. Esses pequenos exemplos mostram que a educação museal na cidade tem se tornado um tema de debate amplo e representam um panorama positivo para o crescimento e aperfeiçoamento deste campo no cenário de Curitiba e região.

Partindo deste cenário, quando se deu a inauguração do Memorial Paranista em maio de 2021, foi decidido que o local deveria possuir um Setor Educativo, em concordância com as melhores práticas

² Para uma sistematização desse processo cf. a figura 1 do artigo de Fernanda Santana Rabello de Castro.

museais de diversas instituições do Brasil e do exterior, precisamente como expressa o *Subsídios* (IBRAM, 2016, p. 64), “educar: eis uma dimensão e um compromisso social dos museus!”. Entretanto, não somente se expressa, no Memorial, a importância da educação em museus e espaços culturais, mas também se faz valer o *direito* de todos os brasileiros, no qual o artigo 29 da lei que instituiu o Estatuto de Museus determina: “os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.” (BRASIL, 2009).

Um Setor Educativo de um museu é, ou pelo menos deveria ser, tão amplo quanto o próprio museu ou espaço cultural, seus braços podem se estender para a formação de funcionários, para a captação de recursos, para os programas de marketing e comunicação, para os setores de pesquisa ou acervo, participando de forma conjunta com a constituição de uma exposição, publicação ou de itens a serem adquiridos para o acervo, entre tantas outras possibilidades, a depender das características do espaço. Entretanto, um dos papéis centrais, mais como método do que qualquer outra coisa, é a ação do educativo por meio da *mediação*, a própria “[...] maneira como é comunicada a mediação do objeto cultural que se dá a potencialização da capacidade de fruição, interação e a apreensão do repertório cultural do museu.” (VÁRZEA, 2012, p. 09).

E, para entendermos a prática da mediação, precisamos destacar que ela está ligada - mas não pode ser confundida - ao campo maior da Educação Museal, que aqui é entendida como algo que:

[...] envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. É, portanto, uma ação consciente dos educadores, voltada para diferentes públicos. (COSTA *et al.*, 2018, p. 73-74).

E, claro, essas são ações baseadas no diálogo, em que se pretende ir além apenas da informação ao visitante ou da formação de um público específico, a Educação Museal busca uma formação integral e crítica com foco na emancipação e ação do indivíduo na sociedade, mas é muito importante ressaltar que a “[...] Educação Museal, como processo museal e ação profissional específica, difere-se de ações de comunicação e de mediação cultural, por seus objetivos, metodologias e conteúdos próprios, porém sem deixar de ser necessário que seja integrada a essas práticas. (COSTA *et al.*, 2018).

Mirian Celeste Martins (2018, p. 84) apresenta a etimologia da palavra mediação, afirmando que “o vocábulo 'mediação' nasce do latim *mediatio*, do verbo *mediare* - dividir pela metade, estar no meio, advindo da raiz *med* (meio).” E lembra que o “termo foi publicado na Enciclopédia Francesa de 1694 e pode ser compreendido na contemporaneidade como conceito, como função e como ação.” Essa multivalência da palavra pode ser também entendida como uma metáfora à própria prática mediadora, que é, quase sempre, ligada à figura do mediador, isto é, um profissional da Educação Museal que premeditadamente reflete, produz, e principalmente *age* em detrimento desse *mediatio*. Diferente da ideia, talvez por conta do uso da palavra no campo jurídico-legal, a mediação não é apenas a “ponte” entre dois pontos que se conciliam ou convergem a um consenso, a mediação no campo da educação, da cultura e da arte é mais complexa e, digamos, menos pragmática, é:

Um território potente e de tensões que abrange estranhamentos, surpresas, choque, indignação, afinidades, gostos, resistências, aberturas, diálogos, trocas, percepções ampliadas, empatia, alteridade. Assim, considerando o ser humano como um ser histórico

e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural”. (MARTINS, 2018, p. 85).

Essa definição de Martins, publicada no *Caderno*, nos mostra a complexidade da atividade mediadora, a multiplicidade de fatores que estão envolvidos, e, apesar da intencionalidade premeditada e planejada do mediador, o controle sobre as reações está fora do alcance e, de qualquer forma, é menos importante como objetivo do que a própria experiência, esta sim, promovida pelo mediador. Na ação mediadora

não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público com o oferecimento de diversos meios - como catálogos, materiais educativos, audioguias, jogos para a família, dispositivos específicos para grupos de surdos ou cegos, formação para os educadores etc. - é importante e tem por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas. [...] Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. (MARTINS, 2018, p. 85).

E é baseada nestas premissas que a mediação cultural como prática do Setor Educativo foi pensada ao ser implantada no Memorial Paranista.

3 RESULTADOS

O Memorial Paranista, inaugurado em maio de 2021, é um espaço que homenageia a principal face do artista paranaense João Turin (1878-1949), as suas esculturas, mas também traz diversos elementos de sua profícua e longa vida de artista, além de manter viva e renovada a prática da produção escultórica e artística em geral, com o Ateliê de Escultura e o Liceu de Artes. Durante a vida de João Turin, a maioria das esculturas produzidas por ele ficou apenas em gesso ou argila, foi só recentemente que muitas delas foram fundidas. Portanto, a maioria das obras do Memorial Paranista são inéditas em sua versão em bronze e agora podem ser vistas em um conjunto dedicado à memória escultórica do artista, um projeto idealizado e viabilizado pelo Prefeito Rafael Greca e projetado pelos arquitetos Guilherme Klocke e Fernando Canalli.

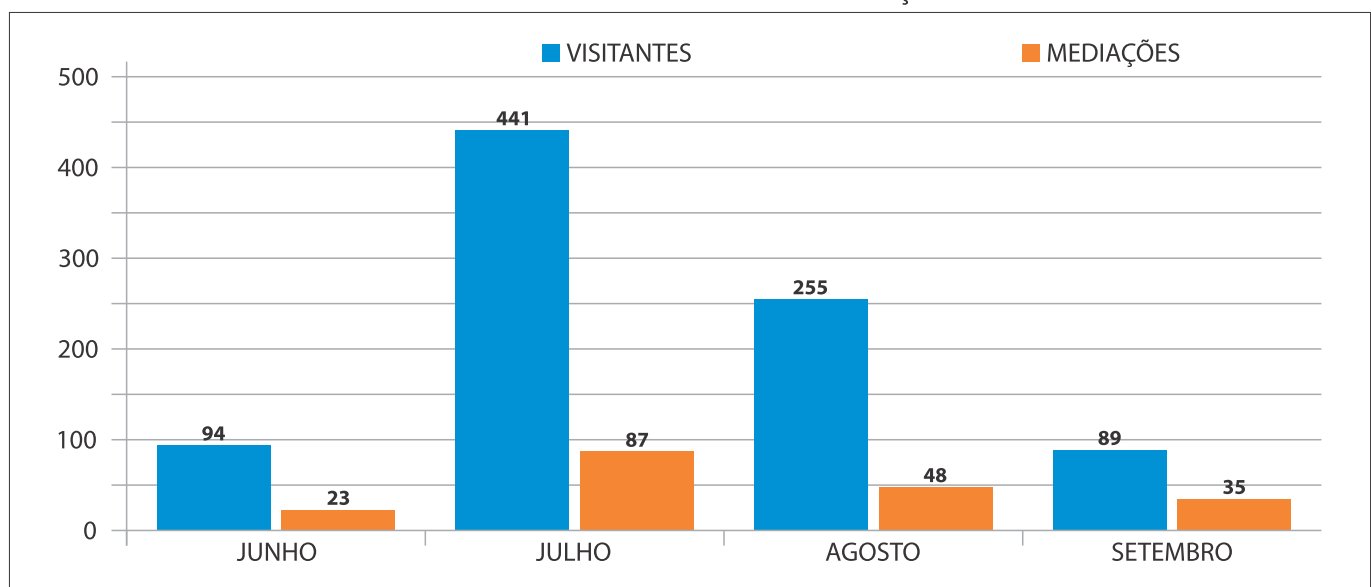
Em um ambiente no qual as esculturas de João Turin estão divididas em dois espaços principais, o Memorial propriamente dito e o Jardim das Esculturas, parte do espaço mas com outras características, especialmente sua relação de ligação com o Parque São Lourenço, o trabalho de mediação é fundamental para fazer com que um acervo, o espaço museal e, em alguma medida, o parque mesmo, sejam considerados como um, sejam percebidos e sentidos pelo visitante a partir de suas experiências individuais, suas curiosidades e intenções quanto àquele espaço cultural.

Dar sentido à biografia de João Turin, ao processo escultórico e à existência de um lugar de memória que remete à história da arte no Paraná tem sido a tarefa principal da atividade mediadora, por meio de perguntas, conversa e diálogo de maneira geral, os mediadores e mediadoras constroem um laço - mesmo que rápido - com a biografia e as experiências prévias do mediado e a partir daí traçam um caminho, dentro de um roteiro previamente existente e intencionalmente geral, no qual dá sentido, oferece questões, tensiona, ensina e aprende a partir do mediado. Como disse anteriormente, a forma como o mediado sai do espaço cultural e a relação que ele ou ela terá com a instituição e o acervo cabe exclusivamente a como a relação desta pessoa se dará durante e posteriormente à mediação, quais as consequências de apropriação, rejeição ou até mesmo indiferença que ela terá. Porém, o trabalho busca

sempre relações de pertencimento, ocupação do espaço público, apropriação e reflexão crítica, isto é, que haja uma relação real e duradoura com a cultura e o patrimônio, já que o aspecto da educação patrimonial também atravessa o trabalho educativo no Memorial. Claro, entendida como uma dimensão que tem por intenção “[...] promover a sensibilização sobre a importância do patrimônio, e de sua preservação, na formação de sujeitos de sua própria história, que atuem na reivindicação de seus direitos coletivos no fortalecimento de sua cidadania.” (BEZERRA, 2020, p. 63).

Dito isso, desde o início da prática de mediação cultural no Memorial nós obtivemos - destarte todas as restrições sanitárias por conta da pandemia de Sars-CoV-2 que nos levaram a adotar rígidos protocolos para garantir o cumprimento dos decretos municipais - ótimos resultados de engajamento do público com o Setor Educativo. Em um período de quase noventa dias³ foram realizadas 193 mediações atendendo a um público total de 879 pessoas, como discriminado no gráfico 1.

GRÁFICO 1: NÚMERO DE PÚBLICO MEDIADO E NÚMEROS DE MEDIAÇÕES DIVIDIDOS POR MÊS



Nesta prática, foi observado que o engajamento do público espontâneo, isto é, visitantes que vêm ao museu sem a expectativa de uma atividade educacional e/ou sem ligação com grupos institucionais, se dá de acordo com a flutuação de público geral (como exibido nos gráficos 2 e 3), menor nos dias da semana e maior nos finais de semana. Isto se dá por duas razões principais, a primeira é que aos finais de semana as atividades de cultura e lazer são mais procuradas, e a segunda é a localização específica em que o Memorial Paranista se encontra, no Parque São Lourenço e no trajeto da ciclovia que faz a ligação da região norte ao Centro de Curitiba.

Isso nos leva a uma primeira constatação, preliminar mas relevante: o público espontâneo do Memorial Paranista parece ser majoritariamente composto de turistas (tanto da cidade quanto de fora) que não apenas vêm especificamente ao Memorial, mas que tem no espaço um de seus pontos de interesse em um roteiro mais extenso pela cidade ou no Parque São Lourenço. Grupos familiares e de amigos, por exemplo, compõem esse público que se destaca no fim de semana.

Portanto, estabelecer uma prática mediadora que possa transformar essa fluidez de visitas em momentos de maior permanência e profundidade é uma tarefa que o Setor Educativo tem de levar em consideração em sua atuação no espaço museal. Deve-se ir além da simples e rápida contemplação dos

³ Os dados compreendem as datas de 17 de junho até 09 de setembro de 2021. É importante lembrar que as mediações aconteceram de terça a sábado neste período, portanto, destes quase 90 dias, as segundas, domingos e feriados não devem ser levados em consideração, sobrando 59 dias.

passos apressados dos turistas, deve-se buscar o engajamento desse público para que gradualmente possa-se estabelecer uma relação do Memorial com a comunidade, de forma duradoura, no qual o equipamento público cultural se torne ponto de retorno, referência e especialmente *permanência*.

GRÁFICO 2: NÚMERO DE PÚBLICO MEDIADO POR DIA E POR MÊS

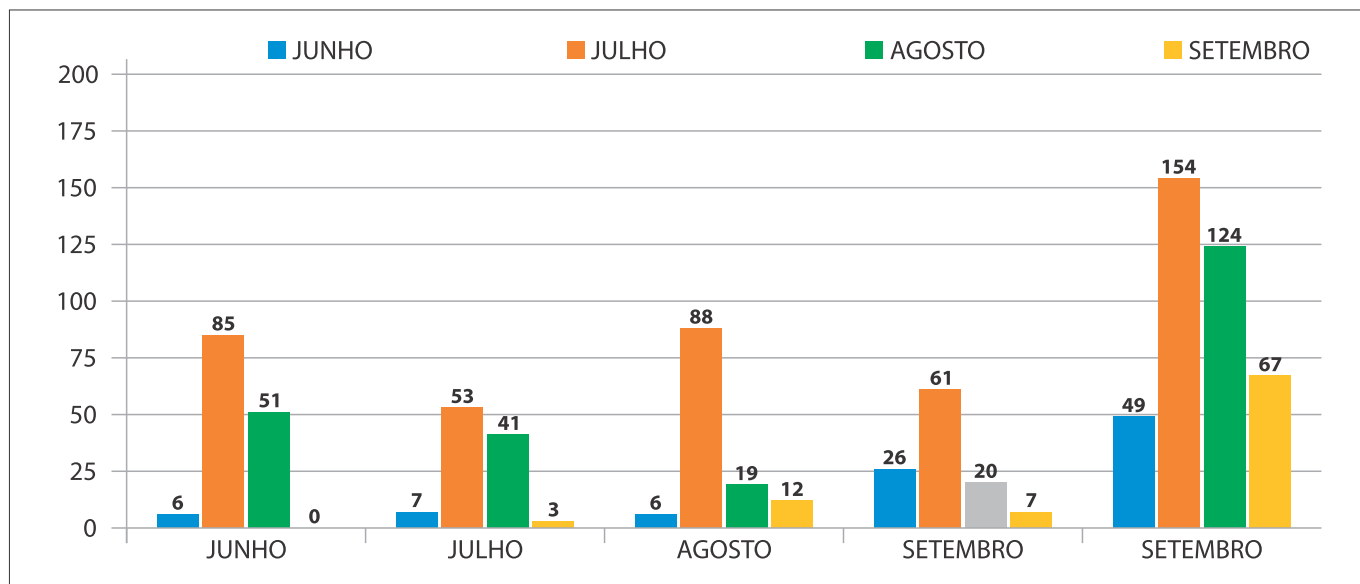
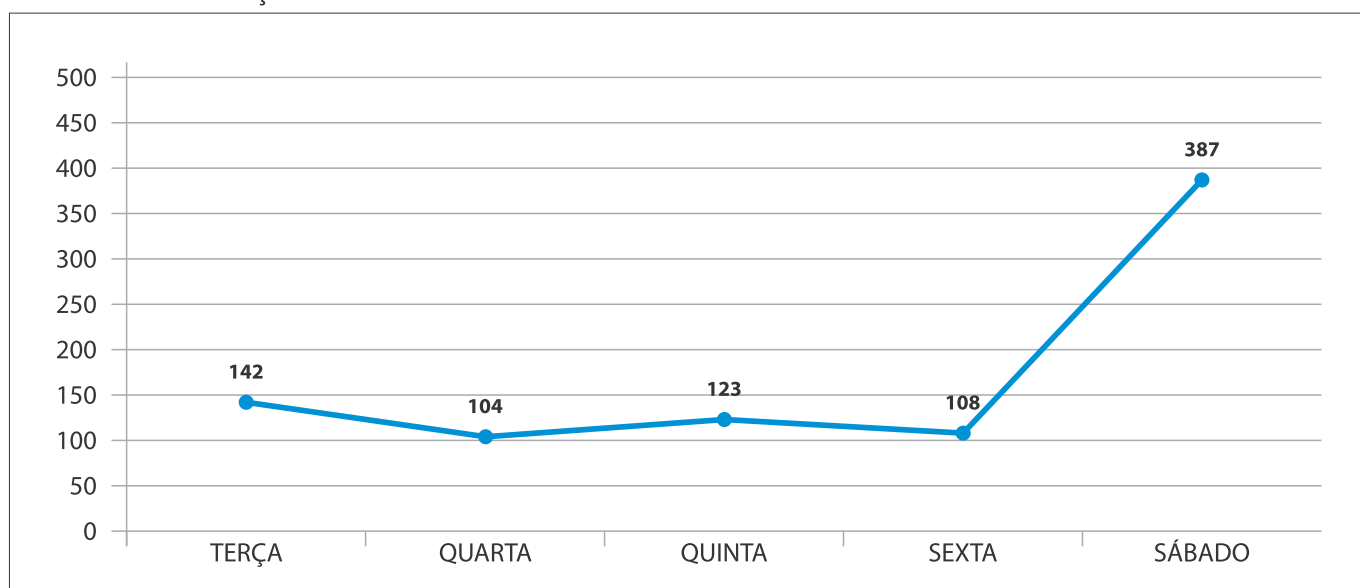


GRÁFICO 3: VARIAÇÃO DE PÚBLICO POR DIA DA SEMANA



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi pontuado no começo deste texto, seria discutido um aspecto do trabalho educativo em um museu ou espaço cultural, a mediação cultural e seus resultados preliminares no Memorial de Curitiba. É importante reforçar que um Setor Educativo é muito mais que a mediação cultural, mas este método é, ou pelo menos deveria ser, indissociável do trabalho do Educativo. No Memorial Paranista, assim como ocorre em outros espaços culturais da cidade de Curitiba, está se constituindo um programa educativo e uma prática de educação museal - nos moldes do conceito discutido acima - que esperamos que possa, logo que a situação sanitária permitir, alcançar não só o público que ativamente passa pelo espaço, mas também grupos escolares, com os quais é possível construir uma prática educativa mais profunda, em parceria com professores e escolas, transformar a

presença da comunidade da cidade em parte constituinte do cotidiano do Memorial, com a presença de pessoas de todas as idades e lugares, que possam reconhecer no Memorial um espaço não só de arte e cultura, mas de vida ativa e compartilhamento da vida comum no espaço público.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia. Educação Patrimonial. In: CARVALHO, Aline. MENEGUELLO, Cristina (org.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 63-66.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 de jan. de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. A construção do campo da educação Museal: Políticas públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 90-114, set. 2019.

COSTA et. al. Educação Museal. In: IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018, p. 73-77.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018.

IBRAM. **Carta de Petrópolis**: Subsídios para a construção de uma Política Nacional de Educação Museal. Petrópolis: Ibram: 2011.

IBRAM. **Subsídios para elaboração de planos museológicos**. Brasília, DF: Ibram, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação. In: IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018, p. 84-88.

VÁRZEA, Mariana. Todos estão convidados. In: MENDES, Luis Marcelo (org.). **Reprograme**: comunicação, branding e cultura numa nova era de museus. Edição 1.6. nov. 2012, p. 08-11. Disponível em: <https://issuu.com/wanderfilhopavao/docs/reprograme_pt>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.

